



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB

MARISA APARECIDA COSTA PRUDÊNCIO

**A IMAGEM E O CONTEXTO DE SALA DE AULA:
APONTAMENTO SOBRE O ENSINO DE ARTE**

Palmas
2018

MARISA APARECIDA COSTA PRUDÊNCIO

**A IMAGEM E O CONTEXTO DE SALA DE AULA:
APONTAMENTO SOBRE O ENSINO DE ARTE**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
Orientadora: Ana Paula Caixeta

Palmas
2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois me deu força para chegar até aqui; ao meu esposo Jhon Weibert, minha irmã Valéria e aos meus filhos, pelo carinho e apoio, pois não mediram esforços para que eu alcançasse o sucesso neste trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que foi meu verdadeiro guia nesta constante busca pelo conhecimento. Ao meu esposo, Jhon Webert, pelo carinho, paciência e pela cumplicidade. Agradeço à minha Tutora presencial, Frances, pela dedicação e parceria durante todos esses anos. Também aos meus filhos Eduardo, Camila e Fernanda, por se constituírem importantes e essenciais estímulos que me impulsionaram a buscar vida nova a cada dia.

É difícil agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, seja nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso, quero agradecer a todos de coração, pela colaboração neste processo de aprendizagem.

“A imagem é testemunho dum olhar: mostra objetos carregados de signos.”
G. Groussy

RESUMO

Este trabalho é o resultado de um estudo sobre a importância do uso das imagens como instrumentos pedagógico dentro das salas de aulas no ensino as artes visuais, ressaltando a relevância de se trabalhar a contextualização dos signos e a percepção visual do educando. Como proposta de estudo, abordamos a leitura de imagens do símbolo da marca *Coca-Cola*, a Fotografia *Garota do Vietnã* (1972) do Fotógrafo Huynh Cong, e a obra de René Magritte - *Ceci n'est pas une pipe* (1929). A metodologia utilizada foi o qualitativo de cunho exploratório, que auxiliou na aquisição dos resultados que apontam a necessidade de conscientização de se inserir a proposta triangular da Ana Mae dentro da proposta pedagógica na escola.

Palavra- chave: Imagem; Percepção; Leitura.

ABSTRACT

This work is the result of a study on the importance of the use of images as pedagogical instruments within the classroom in teaching the visual arts, emphasizing the relevance of working the contextualization of the signs and the visual perception of the student. As the proposal for a study, we approached the reading of images of the symbol of Coca-Cola, Photography girl of Vietnam of Photographer Huynh Cong, and the work of René Magritte Museum - *Ceci n'est pas une pipe*. The methodology used was the qualitative exploratory that helped in acquisition of results that, indicate the need for awareness of entering the triangular proposal of Ana Mae inside the pedagogical proposal at school.

Word- key: Image; Perception; Reading.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	IMAGEM: CONCEITO E PERSPECTIVAS	9
2.1	IMAGEM E IMAGINAÇÃO.....	10
3	IMAGEM E FOTOGRAFIA	12
4	IMAGENS E SUA FUNÇÃO PEGAGÓGICA	16
5	LEITURA DE IMAGENS.....	19
6	ATIVIDADE DE CAMPO.....	22
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
9	APÊNDICE.....	30
9.1	PLANOS DE AULA.....	30
9.2	QUESTIONÁRIOS DE AVALIAÇÃO DA AULA PRATICA	32
9.3	REGISTROS IMAGÉTICOS DA AULA PRÁTICA.....	35
10	REFLEXÕES SOBRE AS ATIVIDADES APLICADAS EM 2016	37

1 INTRODUÇÃO

Frente à frase muito conhecida de autoria do filósofo chinês Chiu Kung (viveu entre 552 e 479 a.C.) que diz: “Uma imagem vale mais que mil palavras” (essa frase é uma expressão popular), e ao constante acesso dos alunos as imagens, decorrente do crescente uso dos signos como fonte de expressão das pessoas do mundo contemporâneo. A proposta visa a investigar a importância do uso da imagem como instrumento educacional, mais especificamente no 9º ano do ensino fundamental II.

Durante os estágios supervisionados em arte visuais, um fator que permaneceu em evidência foi que as imagens podem exercer um diálogo complementar com o educando dentro da sala de aula. Sejam em elas exposta em fotografia, livros, folhetos, computadores ou disponibilizadas em slides de um Datashow; elas podem ser usadas como instrumento facilitador ao processo do ensino-aprendizagem.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi utilizado como pesquisa um questionário aplicado aos alunos do 9º ano do ensino fundamental II do Centro Educacional Objetivo de Palmas – TO.

Após uma aula explicativa sobre a importância do uso das imagens e sua função educacional, foram exploradas e trabalhadas, com o recurso visual do Datashow, imagens, coloridas e em preto e branco, tendo como objetivo realizar uma breve leitura das imagens e obter informações dos alunos sobre as mensagens transmitidas pelos signos ali identificados.

Tendo como objetivo Específico realizar a leitura das imagens; estimular a percepção visual; proporcionar a interação da imagem e meio ambiente; identificar as informações de massa nos signos.

Tendo como embasamento teórico e bibliográfico autores como Lúcia Santaella (2001), Winfried Noth (2001), Gombrich (1999), Ana Mae Barbosa (2009), entre outros.

Diante dos questionamentos que surgiram ao longo do curso, foi possível pensar de que forma as questões visuais estão presentes no cotidiano

do público escolar e como elas interferem para um universo cultural cada vez mais imagético.

A presente pesquisa tem como intuito a reflexão sobre a importância do uso das imagens como instrumento educacional que pode gerar conceitos, expor ideias, não sendo – as imagens - apenas registros automáticos de exposição de elementos.

Dessa forma, dividimos o trabalho em seis partes, na primeira parte escrevo sobre Imagem: conceito e perspectivas, buscando elucidar a expressão e os significados. Na segunda parte, escrevo sobre Imagem e Imaginação em dois domínios: visual - desenho, pintura, gravura, fotografia e as imagens cinematográficas – e na mente como imagem intangível, ou seja, existe, mas não podemos tocar, embasada no escrito “O ato criativo” de Marcel Duchamp (1965). Na terceira parte, Imagem e fotografia: escrevo sobre as primeiras técnicas usadas na revelação da fotografia; Na quarta parte, Imagens e sua função pedagógica: como importante instrumento na formação social e educacional do discente, e da parceria com arte-educador; Quinta parte, Leitura de Imagem: escrevo a cerca da importância de desenvolver a leitura das imagens, a percepção e cognição, em sala de aula; E para finalizar, na sexta e ultima parte, relato os procedimentos realizados durante a aula pratica.

2 IMAGEM: CONCEITO E PERSPECTIVAS

Buscando uma expressão clara do significado da palavra imagem, encontramos uma definição no dicionário escolar português que diz:

s.f. 1) Reflexo de um objeto na água, num espelho, etc. 2) “Representação de uma pessoa ou coisa, obtida por meio de desenho, gravura ou escultura. 3) Estampa ou escultura que representa personagem santificada. 4) Representação mental de qualquer forma. 5) Imitação de uma forma. (CULTURAL, 2009, p. 155).

No mundo contemporâneo, a imagem tornou-se indispensável e estar vinculada às atividades diárias, ao contexto social e às culturas, de um modo geral. Sendo assim, no contexto escolar, fica difícil imaginar qualquer aula de arte sem o recurso de imagens e das imagens como instrumento educacional, sejam elas por meio de ferramentas tecnológicas ou não. Contudo, é fato que, muitas escolas públicas, bem como da rede privada, ainda enfrentam certa desproporção de desigualdades no que tangem a equipamentos, dificultando o ato primário de uma aula de artes, que seria o de dialogar com questões de imagens.

Na construção do diálogo, podemos observar a arte Abstrata, que expõe a desconstrução da imagem, buscando há não representação de nenhum objeto concreto, referendando somente ao conceito ou ideia, mas, a imagem ao ser observada, mesmo não tendo uma ligação direta com algum signo, terá frente ao seu observador, uma relação de semelhança com um objeto, lugar ou icônico.

Noth e Santaella expressão sobre esta ligação “um tipo de signo que funciona como tal unicamente em virtude de atributos que ele possui, e que podem eventualmente ser semelhantes aos atributos de uma outra coisa” (1993, p.43). Pois sua aparente e significativa semelhança pode refletir uma representação, seja no conceito, conjuntura, posicionamento ou ideia.

A expressão por meios dos signos, ou seja, das imagens, vem desde os tempos mais remotos da pré-história. Aproximadamente há 32.000 a.C foram encontrados alguns sinais dessa representação.

Aos poucos, porém, os rudimentares apetrechos de osso e de ferro encontrados nessas regiões tornaram cada vez mais certos que essas imagens de bisões, mamutes ou renas tinham sido gravadas ou pintadas por homens que caçavam estes animais e, portanto, os conheciam bem. Assim, a explicação mais provável para essas pinturas rupestres ainda é a de que se trata das mais antigas relíquias da crença universal no poder produzido pelas imagens [...].GOMBRICH, (1999, p. 42)

Segundo Gombrich, os primitivos pintavam nas paredes das cavernas aquilo que representavam suas tarefas diárias, traços que expressavam homens e mulheres, símbolos da fertilidade, além de desenho de animais possivelmente verdadeiros e desenho de animais onde, provavelmente, eram criações das suas imaginações.

Esta forma de arte era, para eles, fonte de registro dos acontecimentos e daquilo que eles planejavam ou imaginavam. Podemos pensar nesses registros como fontes comunicacionais simbólicas, que permitem hoje uma narrativa histórica do que foram aqueles povos e como pensavam e viviam.

2.1 IMAGEM E IMAGINAÇÃO

A imagem e a imaginação são palavras que tem na raiz o caráter endógeno, ou seja, nascem do interior da mente e exterioriza ou materializa-se nas produções ou nos atos realizados. Mas, qual a relação entre a imagem e a imaginação? Os autores Noth e Santaella explica essa relação com a divisão da imagem e da imaginação em dois domínios, “o visual” e “mental” e distingue:

[...] representação visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografia e as imagens cinematográficas, [...] Imagens, neste sentido são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo domínio imaterial das imagens na nossa mente. Noth e Santaella, (2001, p.15)

Segundo os autores, a imagem é algo tangível na qual pode ser tocada, apreciada ou desejada. Já a imaginação está relacionada com o intangível, imaterial, algo que não pode ser tocado, censurado ou apreciado por outra pessoa, pois não possui forma, corpo ou estrutura material.

Marcel Duchamp relata no escrito “O ato criativo”, aponta que “Todas as suas decisões na execução artística da obra permanecem no campo da pura intuição e não podem ser traduzida numa autoanálise falada, escrita ou mesmo pensada.” (1965, p.02). Esse campo que Duchamp se refere é o campo mental, ou seja, a mente, onde ninguém pode tocar, rasurar ou discriminar. A imagem esta protegida, sendo gerada a cada fragmento do pensamento que trabalha conjuntamente com a imaginação.

É muito comum os alunos ouvirem do professor, dentro da sala de aula, principalmente na aula de arte, que ele – o aluno – tem que usar a sua imaginação. Nesta ação, o professor está provocando o aluno a pensar sobre o tema, analisar o ambiente, ativar o domínio cognitivo, deixar fluir a capacidade de criação, e assim exteriorizar esta imagem em um corpo materialmente tocável.

Isso nos leva a entender como é importante que o professor busque formas e métodos para provocar o estudante a fazer esse tipo de movimento imaginativo.

Osinski nos atenta para:

Pouco a pouco vai se processando a educação da inteligência. Observação clara, simples e pensada do que se percebe pelos sentidos. [...] O estudo da natureza é, sobretudo, um estudo do que é puramente concreto puramente material. OSINSKI, (2002 p.87)

Assim podemos dizer que toda a imagem visual, na qual podemos hoje tocar, criticar e admirar, seja ela exposta em museu, rua, cinemas, praças e cemitérios, um dia esteve dentro do domínio mental, e se materializam, criaram corpo, forma após serem gerados primeiramente na imaginação.

Para Kossoy “[...] se faz necessário um sistemático e sensível exercício: devemos aprender a nos comunicar com as imagens, dialogar com elas,

decifrar seus códigos e resgatar suas realidades interiores, seus silêncios, isto é, seus significados [...]” (2007.p. 65).

Acreditamos que o escritor Boris Kossoy ao se referir á necessidade de sistematizar exercício que seja sensível para dialogar com as imagens, expõe a relevância do uso da imaginação para uma fluida interlocução entre a imagem e a mente, gerando por meio dessa atividade, mentalmente estimulada pelo ambiente e/ou por professores, amigos ou especialistas, o resgate da força da ação das lembranças e de pensamentos e de atos já vividos ou sentidos durante a vida.

De forma aplainar essas dificuldades, que podemos enfrentar ao sermos submetidos a leitura de imagens, o exercício da imaginação pode produzir ideias criativas, fomentar conexão com o mundo , encontrar a razão ou a necessidade de desvendar os signos.

3 IMAGEM E FOTOGRAFIA

Por volta de 1816, Joseph Nicéphore Niepce pediu baixa de sua função como general do exército francês para se dedicar à “invenção de aparelho técnica e interessara-se pela produção de imagens por processo mecânico através da ação da luz [...]” Busselle (1979, p. 30).

Herdeiro de uma família bem-conceituada e afortunada, podia se dar ao luxo de investir em suas invenções, no qual surge em 1826 o litógrafo, ou a câmara escura, que nada mais era do que uma caixa de madeira com lente vidro e espelho, despontando-se na história como o primeiro homem no mundo a ser fotografado.

Após 10 anos de trabalho e investimentos, o resultado não era satisfatório, pois não se admitia a reproduções comuns. Já em 1835, após dois anos do falecimento de Joseph Niepce, entre no cenário da história da fotografia o cenógrafo Francês Louis Daguerre, que sem muita pretensão, faz

sua primeira revelação fotográfica por meio de iodeto de prata, ficando assim conhecido como o “agente revelador”.

As sucessões de descobertas vão surgindo ao longo dos anos e Daguerre cria o “Daguerreótipo”, sendo construída por André Giroux - que também era uma caixa de madeira em forma de estojo que se unia um dentro do outro, tendo vidro e lentes.



Daguerreotipo - Louis Daguerre (1839)
Fonte www.infoescola.com

Mesmo sendo extremamente frágil, o daguerreotipo foi um sucesso que se espalhou por toda a sociedade Francesa com reconhecimento acadêmico.

Em certo sentido, a revolução fotográfica teve início no dia 19 de agosto de 1839, quando a nova técnica e imagens como essa foram apresentadas aos membros da Academia de Ciências e da Academia de Belas-Artes. Poucas semanas depois, os vencedores de instrumentos de ópticos eram assediados por pedidos de equipamentos. Busselle (1979, p. 31).

Em 1839, já consagrado sucesso do daguerreotipo, seu criador vende sua invenção para o governo Francês em troca de uma pensão vitalícia, além de uma quantia em dinheiro de aproximadamente 600 francos.

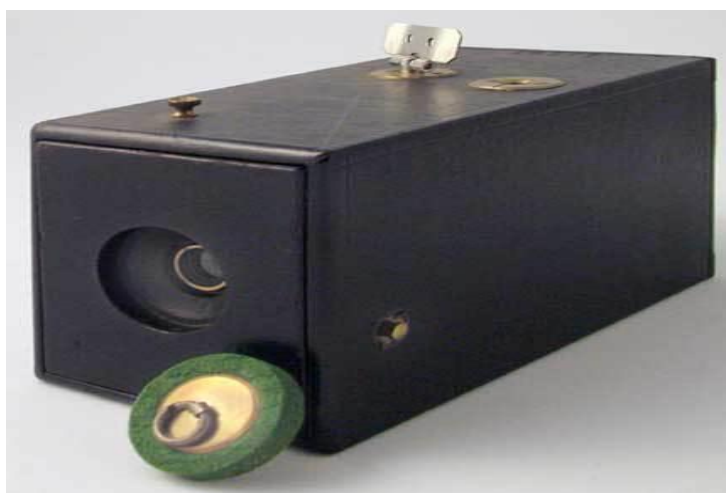
Ao longo dos anos, o estojo do “daguerreotipo que media 31,1 x 36,7 x 26,7 cm fechado” (1979, p.32) teve seu tamanho reduzido, e várias modificações vão sendo agregadas. Na mesma proporção que acessibilidade

ia aumentando, os tamanhos dos instrumentos iam diminuindo, totalizando os resultados em melhorias na qualidade da imagem.

Entre os homens que ajudaram a construir a fantástica história da fotografia, esta um Jovem bancário morador da cidade de Nova York, George Eastman, que aos 23 anos de idade se matriculou no curso de manipulação de colódio úmido - um composto obtido basicamente da trinitração da celulose - que combinado há outra fibras, que podia gerar explosão; sendo parte do processo utilizado na captação e na revelação das imagens - Eastman sentiu grande descontentamento ao conhecer as etapas do processo de revelação, pois julgou todo o processo, pelo meio do colódio, muito confuso e dispendioso.

George pesquisou sobre novas técnicas que pudesse facilitar todo o processo da revelação da imagem, assim, descobriu a gelatina de prata sensível – que consiste a uma emulsão sensível a luz coberta de sais de prata, tais como bromo ou cloro misturados na gelatina - e se vê frente a uma nova forma ; mais fácil e acessível de manipulação e revelação da imagem.

Em 1886, Eastman, já coroadado por inúmeros sucessos em suas experiências, já não mais bancário, e sim um empresário, cria a maior impressa do mundo na área da fotografia a Kodak.



Primeira camera fotografica da kodak - George Eastman (1886)
Fonte www.queimandofilme.com

Vários nomes foram se firmando no curso da história da fotografia, como William Henry Fox Talbot (1833), Sir Hohn Herschel - cientista responsável pelo agente químico Hipossulito e pelos ternos “negativo” e “positivo” e a nomenclatura “fotografia” (1839) - Frederick Scott (1851) e o físico Sir James Clerk-Maxwell responsável pela combinação de cores (1861).

Deste modo, eram também, a maquina que registravam os rostos das pessoas e as paisagens locais, não somente as tintas ou pinceis nas mãos de conhecidos artistas, mas, agora, nas mãos de cientista, físico e fotógrafos.

A busca incansável pelo registro rápido e fácil culminou na discussão se a fotografia era ou não uma arte. Como afirma Busselle: “teve início a grande polêmica sobre a fotografia: deveria ela competir com a pintura e seria, de fato, uma forma de arte?” ou, apenas questionar, “Cabia à nova técnica reproduzir ou interpretar?” e ainda “Seriam válidos as novas manipulação?” (1979. p. 34).

As revoluções e inovações são sempre recebidas por polêmicas, intolerância e descréditos pelos radicais e ditadores nas sociedades, no entanto, as afirmações sobre os benefícios da fotografia, seja arte fotográfica, fotografia arte, esta consagrada como uns dos “meios de comunicação visual mais importante de nossos dias” Busselle, (1979. p.34).

As declarações de Busselle, sobre a fotografia vêm ao encontro do cenário verídico nos dias contemporâneos. Usada por todos os seguimentos sociais, seja para o laser, no aprendizado educacional ou profissional. A fotografia foi sendo ao longo dos anos democratizada, se tornando acessível a todas as classes da sociedade.

No âmbito escolar a fotografia tem sido usada como instrumento pedagógico por todas as disciplinas, seja nos anos iniciais e finais, indo até as mais altas patentes da educação.

Trabalhar com os recursos visuais imagéticos, pode tornar a educação mais atrativa e lúdica, levar alunos a lugares distantes, como ao museu do Louvre na cidade de Paris - FR, ou simplesmente registrar as brincadeiras em sala de aula. Para Menezes: “Quando vemos a fotografia de um lugar, partimos do pressuposto imediato de que se olhamos para a imagem de uma paisagem,

de uma cidade ou de uma casa, isso só pode ocorrer em virtude de que aquele lugar existe, ou existiu [...]” (1996, p. 85).

De certo que poderíamos preencher incontáveis páginas relatando as infinitas possibilidades do uso da fotografia como instrumento mediador na educação, devido a sua capacidade de registro, informação, percepção, apuração dos fatos ocorridos em tempo presente ou situado no pretérito.

4 IMAGENS E SUA FUNÇÃO PEGAGÓGICA

É notório que vivemos rodeados por diversos elementos visuais, como fotos, revista, livro e uma infinidade de figuras digitais, dentre as quais se tornaram sólidas fontes de comunicação diária na sociedade do mundo contemporâneo. Podemos, assim, considerar as imagens como importante instrumento que auxilia na formação social e educacional, tornando-se parceira do arte-educador e de professores no curso de suas atividades em sala de aula.

Desse modo, o meio de comunicação visual, ou seja, as imagens, tem se estabelecido ao longo dos anos como um interlocutor do texto, gerando informação ainda mais concisa para o docente e seus respectivos discentes, expondo ideias em resumidas e plurais ações. Para Barrass as imagens,

Estimulam a curiosidade e o interesse do leitor e devem ser prestativas, informativas tendo, entre muitas, a função de focalizar a atenção, auxiliar na comunicação das informações de forma “rápida, concisa, clara e acurada”. (1991, p.114),

Destarte, a narrativa que é feita pelas imagens em um ângulo expositivo de informações que pode ser facilmente absorvida pelo olhar do espectador, neste caso aqui presente, o aluno, tem como objetivo alcançar a função cognitiva simples, que está pautada no conhecimento e compreensão por meio da percepção visual do ambiente que o educando está inserido.

Quando o educador realiza suas práticas pedagógicas com a exposição de imagens, uma série de perguntas é lançada: “Quem reconhece esta imagem? Ou, Quem já viu esta imagem?” Este é o primeiro movimento do professor diante do processo de provocação de seus alunos para apreciação e leitura de imagens. Para realizar tal ação, faz-se necessário a exposição da figura pelos meios de comunicação visual, visando alimentar o domínio cognitivo do aluno, conforme afirma Castro: “O que estamos fazendo é medir o nível de conhecimento/compreensão que os nossos alunos têm sobre o assunto em questão”. (2008, p. 07) Essa dinâmica pode ser considerada como a exploração inicial do conhecimento que o aluno traz para sala de aula sobre aquela imagem em debate.

Sabendo que o educando pode exercer a capacidade de pensar e expor suas ideias sobre imagens por meio de linhas, pontos e/ou gráficos, as informações geradas pelos signos exercerão uma conexão mais acentuadas na mente humana. No entanto, isso acontece se for apresentadas imagens com figuras mais definidas ou com maior possibilidade de compreensão e/ou entendimento sensível. Ou seja, é necessário que haja elementos signos, possíveis de serem conhecidos por esses educandos, de modo que consigam interagir com as imagens ali demonstradas.

Desta forma, compreendemos que cabe ao docente, ou o arte/educador lançar mão dos elementos visuais apresentados nas imagens (desenhos, figuras, fotos) que despertem, vibrem e impulsionem o olhar e/ou a meditação do aluno. Tal como contextualiza Hernández: “O professor tem de despertar o olhar curioso, para o aluno desvendar, interrogar e produzir alternativas frente às representações do universo visual.” (2003, p. 45).

Na semântica das palavras *pedagógico* e *educacional*, as quais são declaradas como de significados aproximados; ou seja, ambas se dedicam ao processo da informação e da transferência de experiências e conhecimentos, encontramos também esta mesma incumbência entre o código verbal e a imagem, que se une e se complementam nas suas funções de transmitir, representar, gerar, inspirar, retratar, dentre outras inúmeras ações. Assim sendo, Santaella nos faz entender que:

Na realidade, o código verbal não pode se desenvolver sem imagem. O nosso discurso verbal está permeado de imagens, ou, como Peirce diria, de iconicidade. Assim, a teoria das imagens sempre implica o uso de imagens. A palavra “teoria”, aliás, já contém na sua raiz uma imagem, pois “teoria”, na sua etimologia, significa “vista”, que vem do verbo grego *theorein* “ver, olhar, contemplar ou mirar”. (2001, p.14)

A relação íntima encontrada pela pesquisadora Santaella entre o texto e a imagem está também retratada por alguns autores como: Schmitt (1986), Titzmann (1990) e Langner (1985), que se empenharam em pesquisar sobre a problemática relação imagem e linguagem e suas informações.

Nesse contexto, pode-se questionar se o agrupamento de texto e imagem em um mesmo local de exposição pode se tornam redundante nas suas informações, ou, como aponta Noth: “uma mera adição de duas mensagens informativas diferentes” (2001, p.55). Percebe-se que a problemática apontada na frase de Noth não pode ser explicada ou desvendada de maneira simplificada, pois a observação íntima da função da imagem e do texto está relacionada com o domínio cognitivo e efetivo de quem contempla a obra, tal como afirma Santaella: “Imagem conta também entre os contextos que podem determinar a interpretação de uma imagem individual” (2001, p. 57). Ou seja, os textos transmitidos por signo em um cartaz ou em suas diversas formas de visualização podem representar alegria para uns ou tristeza para outros, entusiasmos ou descaso, pois dependem da forma de recepção e entendimento das mensagens contidas nesses signos/imagens. Assim, é possível compreender que, tanto a imagem quanto a linguagem textual exercem funções, que é a informação, bem como o diálogo e associação.

5 LEITURA DE IMAGENS

Segundo Arnhem, entre as primeiras atividades da criança, realizadas na escola ou nas suas brincadeiras diárias, estão os desenhos, a pintura, colagem e o reconhecimento das cores, aparecendo assim os primeiros traços, sejam eles em “retitude, angularidade e profundidade” (2011, p. 167). Esses sinais ainda não são representações de signos, mas, apenas formas iniciais de construção dos movimentos. “No decurso do enriquecimento das formas iniciais, mais cedo ou mais tarde a criança desenvolve o círculo primordial em duas direções” (2011, p. 167).

Muitos desses traços que aparecem aleatórios nos desenhos podem estar ligados à percepção da criança frente a sua posição no ambiente, como ressalta Arnhem: “Tem-se afirmado que a criança recebe a inspiração para suas formas iniciais de vários objetos redondos observados no ambiente”. (2011, p.166). Dessa forma podemos dizer que a criança faz suas leituras do ambiente visual no qual esta inserida.

Com o passar dos anos, a criança, já na fase da adolescência, tende a não mais fazer essa leitura do meio ambiente por simples formas arredondadas ou retitude, mas passa a contextualizar-se com as formas visuais da escrita, sendo muitas vezes deixada para traz a percepção primaria das imagens pelos signos ou ícones intuitivos. Nesse contexto, percebemos que nascemos com essa capacidade de percepção visual, no entanto, ela pode vim a desaparecer por não ser alimentada, para que se desenvolva juntamente com a criança.

No Início da década de 70, autores responsáveis pela mudança de rumo do ensino de arte nos estados Unidos afirmavam que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à mediada que a criança cresce; é tarefa do professor propiciar essa aprendizagem por meio da instrução. CARVALHO et al., (1997, p.23).

Nas bibliografias estudadas sobre as imagens e ensino de artes, há registros de momentos em que a escola tenta estimular o caminho contínuo da percepção e leitura das imagens, sendo retratado, na década de 60, por John Dewey (filósofo americano, 1859-1952), Herbert Read (filósofo inglês, 1893-1968), que inauguraram uma nova tendência na qual defendiam o desenvolvimento da criatividade, a sensibilidade e o autocontrole eram eixos fundamentais.

No Brasil, a busca por novos parâmetros na educação em Arte, teve seus sinais mais expressivos no que tangue essa leitura e percepção visual por volta de 1987, quando nasce a proposta triangular da doutora em Arte-educação Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, pensada a partir de três pilares que norteiam três ações básicas: Fazer, apreciar e contextualizar. Ana Mae colocou em prática a sua proposta por meio do projeto no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e no *Projeto Arte na Escola* da Fundação Lochepe em 1989.

Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. Barbosa, (2009 p.21).

Essas ações sugeridas por Ana Mae compreendem que o aluno necessita de criar uma intimidade com a arte, compreendendo o seu ato poético, isto é, o fazer, conhecer e contextualizá-la na história, adquirindo a capacidade de fundamentar a leitura da imagem, expondo de forma escrita ou verbal a informação que é gerada pela imagem.

Em 1971 o estudo da arte foi incluído no currículo escolar pela Lei de Diretrizes Brasileiras (LDB), no entanto, foi mencionado em condição de mera atividade educativa, sem o status de disciplina nos currículos escolares, isso veio a acontecer em 1996, com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que revogou ordenações anteriores, promulgando a matéria "Artes", sendo assim, reconhecida como disciplina, e tornando-se obrigatória na educação

básica, conforme o parágrafo 2º do artigo 26 da Lei Federal n.9.394 de 20 de dezembro que dispõe: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Já em 1997, o governo federal através do Ministério da Educação e do Desporto, consolidou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, referendou para construção dos currículos escolares a interdisciplinaridade com a arte visual, artes gráficas, cinema, vídeo, fotografia e novas tecnologias. A Abordagem Triangular foi recomendada, dentro do PCN, como eixo norteador na construção das atividades das disciplinas acima referidas, utilizando os três ações referentes a abordagem triangular: Fazer, apreciar e contextualizar.

Passados quase duas décadas, as ações descritas pela doutora em Arte-educação Ana Mae Barbosa, continua sendo a principal referencia brasileira no que tange leitura, assimilação, reconhecimento, percepção dos ícones ou imagens.

6 ATIVIDADE DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada no Centro Educacional Objetivo de Palmas, Tocantins, com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II.

No primeiro momento, foi realizado um diálogo com a referida turma, explicando a pesquisa realizada sobre a importância das imagens no âmbito da educação, e de como ela pode ser usada como instrumento de informação e conhecimento.

No segundo momento, foi explicado para os alunos como surgiu o desejo de realizar o estudo sobre a Leitura das imagens, e a importância dos signos e da fotografia no ambiente escolar.

No terceiro momento, foi exposta, aos alunos, a primeira imagem para que a turma relatasse sobre a mensagem transmitida pela imagem apresentada.



Primeira imagem exposta na aula pratica – casamento no campo

<https://www.google.com>.

Com os mesmos procedimentos, os alunos visualizaram mais duas imagens, que também foram geradas com o recurso do Datashow, vale ressaltar que o equipamento pertence a escola Centro Educacional Objetivo de Palmas.



Imagem da aula pratica – Arquivo pessoal



Imagem da aula pratica - arquivo pessoal

Assim foi possível perceber que a cada imagem gerada, a curiosidade era despertada e as habilidades de percepção e reconhecimentos das informações transmitidas pela imagem foram se aflorando.

No decorrer da atividade, foram apresentadas três imagens de forma conjunta.



Imagem da aula pratica – Arquivo pessoal

Simultaneamente foi distribuído um questionário onde os educandos foram orientados a relatar de forma escrita e subjetiva a função social, educacional e a historia transmitida pelas imagens.



Imagem da aula pratica- Arquivo pessoal.

No decorrer da atividade, cabe aqui mencionar que houve um despertar no sentido da percepção visual e da informação gerada pelos signos, mas era

notório que para alguns alunos, essa percepção visual ainda era um campo não muito confortável.

Finalizando a atividade de contextualização das imagens, foi apresentada aos alunos uma frase: “As imagens não são por si só verdadeiras ou falsas, mas somente partes de coisas que podem ser verdadeiras ou falsas.” Bennett (1974.p.34) no qual, os alunos fizeram uma reflexão oral sobre as inúmeras possibilidades que pode haver na interpretação das imagens visuais.

A proposta apresentada na realização desta prática aplicada, está relacionada à proposta triangular (o ver, fazer e contextualizar) de Ana Mae, em conteúdo, baseou-se em ações mentalmente aplicáveis.

Ao debatermos sobre a representatividade cognitiva das imagens, nutrimos a percepção geral e global dos alunos, com isso, “o ver”, se fez presente na captação da similaridade, posteriormente, na construção dos textos, vislumbramos a materialização do “fazer”, que surgia nas frases escritas e/ou fala “contextualizada” relativamente ao sujeito autor.

Podemos dizer que a protagonista que surgiu na proposta triangular, esta em não aceitar os temíveis e desconstrutivos estereótipos, que disseminou a intolerância a subjetividade na arte. No dialogo que se faz necessário na leitura das imagens, essa subjetividade e nutrida pela diversidade em que cada aluno foi criado, suas experiências de vida, suas memórias, suas histórias.

Obviamente que um simples olhar sobre as imagens, não fora suficiente para desencadear todas as percepções dos cognitivos mentais e visuais dos alunos, mas com ajuda das palavras, que foram preferidas durante a construção e materialização da atividade, e na proposta inserida no questionário, essa percepção se tornou real por meio da apropriação escrita.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos primeiros anos de vida da criança, ela é instruída a dar os primeiros passos no caminho da alfabetização, essa alfabetização deve ocorrer também no universo das imagens.

Hoje a maioria das escolas oferece na grade curricular a disciplina de arte, desde a alfabetização à terceira ano do Ensino Médio. Entretanto, não são em todas as séries que se pode contar com o arte/educador conduzindo esse caminho da percepção visual. Na realidade, esse trabalho acaba sendo feito por profissionais sem grande envolvimento com universo imagético da cultura visual, ou seja, com outras formações, impossibilitando um contato exploratório maior com questões importantes da arte e tudo o que a circunda.

Sabemos da relevância de se trazer, desde as primeiras vivências em sala de aula, explorações cognitivas com relação às imagens. Dessa forma, o diálogo oral com os signos vai acontecendo e assim surgem às primeiras expressões subjetivas nos traços, onde cada criança encontra as suas competências em relação à percepção visual frente aos movimentos das formas, das cores, das linhas, etc.

Nos estudos nas bibliografias, permitiu compreender como existe uma história que fundamenta nossa relação contínua com as imagens, e como elas estão atreladas ao nosso cotidiano.

Observar isso de maneira pontual em um espaço escolar foi importante para fundamentarmos o quanto às imagens são necessárias, e devem se fazer presente no contexto escolar, enquanto ferramenta educativa.

No decorrer do processo investigativo, pude perceber, que alguns alunos do 9º ano do ensino fundamental II do Centro Educacional Objetivo de Palmas tiveram acesso a aula sobre o caminho da contextualização pelos signos, o fazer poético e a interlocução das imagens, no entanto, o estímulo contínuo por meio de exercício, não foram propiciados com certa frequência, gerando assim, uma barreira na execução do exercício proposto na aula prática desta pesquisa.

Além disso, pude perceber que apesar dos adolescentes estarem inseridos no mundo tecnológico, onde as imagens fazem parte da vida diária, a percepção visual não está inserida na rotina da vida deles.

Levando-se em conta que em nossa mente temos um conceito pré-disposto do que quer dizer a palavra imagem, isso acontece devido ao grande uso da mesma no dia a dia. Apesar disso, muitos dos educandos não percebem a real função da imagem, e nem a sua ligação com a informação.

Vale ressaltar que há inúmeras possibilidades de se incluir no planejamento pedagógico conteúdos e atividades que exercitem a percepção visual e a contextualização das imagens, como a atividade que foi aplicada na referida turma.

É imprescindível que sejamos conscientizados da necessidade de se inserir algum tipo de abordagem que nos amparem quanto às questões relacionadas ao universo imagético, como possibilidade, a proposta triangular da Ana Mae.

Compreendemos que cabe ao professor buscar elementos para explorar o ensino de artes visuais por meio consciente de se explorar imagens artísticas ou do universo cultural que nos circunda. Ações dessa magnitude levam a um ato educativo mais provocativo, preocupado com questões contemporâneas e com aquilo que está ao nosso redor enquanto signo e imagem.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Leila e CARNEIRO, Maria. Malária: **As imagens utilizadas em livros didáticos de biologia**. Disponível em: <<http://www.docplayer.com.br/14870519-Malaria-as-imagens-utilizadas-em-livros-pdf>> Acessado em: 04 de maio de 2016.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. São Paulo, 1980.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte, 1998.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em:<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo, 1979.

CARVALHO et al. **Parâmetros curriculares nacional**. Brasília, 1997.

Castro, Rosana. **Planejamento: organização, execução e avaliação do processo de ensino/aprendizagem** Disponível em: <http://www.ead.unb.br/moodle2013/course/view.php?id=434> - texto_part_2-pdf>Acessado em: 01 de maio de 2016.

CULTURAL, Ciranda. **Minidicionário Escolar Português**. São Paulo, 2009.

DUCHAMP, Marcel. **O ato criativo**. Disponível em: <<https://asno.files.wordpress.com/2009/06/duchamp.pdf>> acessado em 15 de novembro de 2015.

GOMBRICH. E.H. **A História da Arte**. LTC. Rio de Janeiro, 1999.

MENEZES, P. R. A. **Cinema: imagem e interpretação**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 8, nº 2, p. 83-104, 1996.

OLIVEIRA, Ana. **Aprendendo a Ler Através de Um Mundo de Imagens**. Disponível em: <[http:// www.webartigos.com/artigos/aprendendo-a-ler-atraves-de.../83617/-pdf](http://www.webartigos.com/artigos/aprendendo-a-ler-atraves-de.../83617/-pdf)>Acessado em: 03 de maio de 2016.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, História e Ensino**. São Paulo, 2002.

SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica, mídia, Iluminuras**. São Paulo, 1998.

SANTAELLA, Lúcia e NOTH, Winfried. **Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo, 2001.

SANTANA, Ana Lucia. **Ezra Pound** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/ezra-pound/>> Acessado em: 04 de maio de 2016.

9 APÊNDICE

9.1 PLANOS DE AULA

Professora: Marisa Aparecida Costa Prudêncio.

Instituição: Centro Educacional Objetivo de Palmas.

Série: 9º ano.

Tema: Contextualizando as imagens

Carga horária: 50 minutos.

Data: 19/05/2016.

Objetivo Geral

Perceber as informações contidas nas imagens e sua função social e educacional.

Objetivo Específico

Realizar a leitura das imagens;

Estimular a percepção visual;

Proporcionar a interação da imagem e meio ambiente;

Identificar as informações de massa nos signos.

Procedimento

No primeiro momento relatar sobre a construção da imagem no imaginário, e a importância da imagem como fonte de informação e conhecimento.

Com auxílio do Datashow, exibir três imagens, e incentivar os alunos a percepção visual gerada pelas mesmas, e posteriormente, expor três imagens: garota da guerra de Vietnã, Símbolo da Coca-Cola e a obra de René Magritte “Ceci n’ est pas une pipe”.

A cada visualização das referidas imagens questionar a função social, educacional, interativa, em fim, as percepções e comunicação visual em questão.

Avaliação:

As avaliações serão feitas através da participação aluno, como também um questionário sobre o assunto estudado.

9.3

REGISTROS IMAGÉTICOS DA AULA PRÁTICA



Imagem so arquivo pessoal.



Imagem so arquivo pessoal.

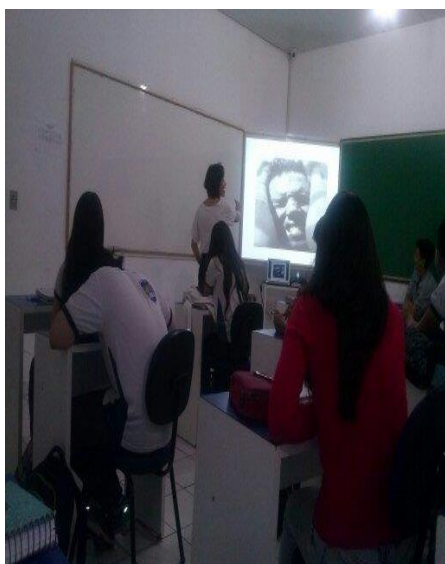


Imagem do arquivo pessoal.



Imagem so arquivo pessoal.



Imagem do arquivo pessoal

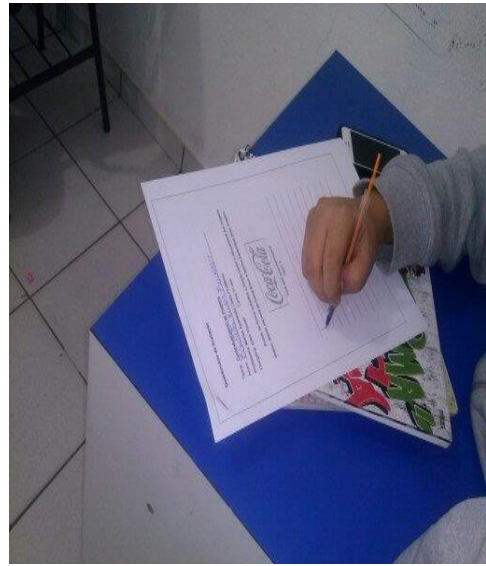


Imagem de arquivo pessoal



Imagem de Arquivo pessoal



Imagem de Arquivo pessoal

10 REFLEXÕES SOBRE A ATIVIDADE APLICADA EM 2016 .



Fonte lavrapalavra.blogspot.com

Figura - C

Quando vejo esta imagem penso em um cachimbo, mas olha para legenda e vejo que faz sentido pois não é um cachimbo, mas sim representa o cão de um.

O aluno faz uma reflexão sobre a mensagem escrita com a mensagem figurativa.



Fonte www.g1.globo.com

Figura - B

Essa imagem representa a dor e o sofrimento dessas crianças que estão com medo e assustadas pois não sabem para onde ir ou o que fazer, e muito menos onde e como estão seus pais. Elas estão sofrendo pois estão sendo forçadas a se afastarem de suas famílias e amigos e a dor que sentem pelos maus tratos que estão recebendo dos soldados devido ao desespero causado pelo ataque.

O aluno escreve fatos e sentimentos que não estão fotografados, mas, relata de fatos que alimentaram o seu cognitivo.

Questionário de Avaliação

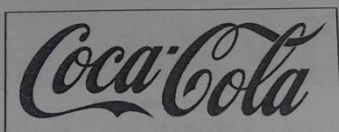
Tema: Contextualizando as imagens

Aluno: Italo Monteiro

Professora: Marisa Aparecida Costa Prudêncio.

Disciplina: Artes Visuais Turma: 9º ano

Relate de forma subjetiva a função social e educacional das imagens abaixo, depois escreve de forma breve a história transmitida pelas imagens.



Fonte www.cocacolaportugal.pt/.

Figura- A

Para mim, essa imagem mostra o legítimo de uma empresa que tem muito sucesso atualmente, ela é antiga, mas está até hoje no mercado, ela transmite para mim felicidade, pois é muito bom quando jogamos um futebol entre amigos, e depois do futebol, tomar uma Coca-Cola, e ela tem um papel social muito bom aqui no Brasil, como praticar a Olimpíadas de 2016

O aluno faz referência à marca com alegria, prosperidade e jogos.



Fonte www.g1.globo.com

Figura - B

Eu não conheço a imagem, mas para mim essa imagem passa dor, tristeza, pois conta a história de uma guerra que aconteceu no Vietnã, pois os EUA, jogou um bombo lá, e com isso teve muito mortes.

Para esse aluno a imagem esta ligada a dor e guerra.

Questionário de Avaliação

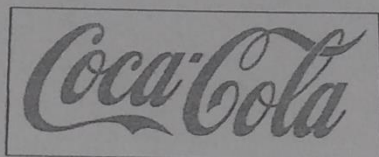
Tema: Contextualizando as imagens

Aluno: Beatriz Gomes de Almeida

Professora: Marisa Aparecida Costa Prudêncio.

Disciplina: Artes Visuais Turma: 9º ano

Relate de forma subjetiva a função social e educacional das imagens abaixo, depois escreve de forma breve a história transmitida pelas imagens.



Fonte www.cocacolaportugal.pt/.

Figura- A

A Coca-Cola é uma marca de bebidas bem famosa.

Como principais funções sociais podemos citar seus patrocínios em jogos e grandes eventos.

Suas propagandas deixam explícita a ideia de união, já que seu slogan é: Abra a felicidade

O aluno expõe que a marca está ligada ao sucesso.



Fonte lavrapalavra.blogspot.com

Figura - C

Fumagem em si questiona se isto é um
cachimbo ou não, e um objeto que depende de quem
o vê e interpreta. Isso é a representação de um
cachimbo, você não o fuma, não o toca, apenas o
vê.

Para este aluno a mensagem transmitida é sobre o questionamento.